

TEMPO E MELANCOLIA EM *BELONA, LATITUDE NOITE*, DE MOACIR COSTA LOPES¹

Thallys Eduardo Nunes de Araújo Oliveira (UFRN)

Resumo

O tempo é um dos mais fascinantes elementos que permeiam o universo. Moacir C. Lopes, escritor ainda pouco conhecido nos meios acadêmicos, narra em *Belona, latitude noite* (1968) a agonia de marinheiros e tripulantes, acometidos pela gripe espanhola, a bordo de um navio que se perdeu em uma noite sem fim, evidenciando, no capítulo *Ferrugem*, o tempo como agente desencadeador do estado melancólico que impregna as vivências dos personagens que integram a obra. Neste artigo, analisamos, no capítulo já referido, de que modo a relação tempo-melancolia se processa em temas como solidão, memória e finitude.

Palavras-chave: Moacir Costa Lopes; *Belona, latitude noite*; Tempo; Melancolia.

Introdução

Quando pensamos no tempo, por mais que o tomemos como algo íntimo de nossas vidas – afinal todas as nossas experiências, quer as passadas, quer as presentes, e até as futuras, são perpassadas por ele –, não somos capazes de defini-lo e mesmo de entendê-lo. “O que é o tempo?” é uma das perguntas que vêm inquietando o homem ao longo de toda a sua existência. Santo Agostinho, por exemplo, afirmou, no século IV, a respeito dessa dúvida, que se ninguém lhe perguntasse o que é o tempo, ele sabia; no entanto, se quisesse explicá-lo a quem pedisse, não saberia. E, ao que parece, é isso o que ocorre ainda hoje, mesmo depois de Einstein ter esclarecido algumas das nossas dúvidas sobre o modo como nos relacionamos fisicamente com esse misterioso elemento e da filosofia tê-lo problematizado nas suas diversas correntes: apenas quando não questionamos o tempo é que o compreendemos.

Essa relativa incompreensão a respeito do tempo não impediu, porém, que o homem, dentro de certos limites, o manipulasse, ou que acreditasse fazê-lo. Mesmo antes dos antigos egípcios terem inventado o relógio de sol, há cerca de cinco mil e quinhentos anos, o próprio planeta Terra, em revolução em torno de si mesmo, funcionava como relógio, que, percebido pelo homem, possibilitava-lhe a contagem do tempo físico. Desde então, o relógio foi aperfeiçoado – relógio de sol, de areia, de

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

parede, de pulso, relógio atômico – e o tempo foi dividido em horas, minutos, segundos, milissegundos etc. E assim, podem pensar os mais ingênuos, o homem passou a controlá-lo. Ledo engano. Afinal, expressões como “ainda é cedo” e “é tarde demais”, ou “estou adiantado” e “estou atrasado”, longe de ratificarem o assujeitamento do tempo ao homem, evidenciam o oposto: o tempo, esse gigante anônimo, é que nos subjuga e nos controla, por vezes compassivo, por vezes cruel.

Na dimensão filosófica, assim como na física, o tempo se mostra indevassável. Inúmeras foram as tentativas de compreendê-lo, mas ele sempre escapa. Problematizado por Platão, que o compreendeu como uma imitação da eternidade, ou uma cópia imperfeita de um modelo perfeito, o tempo também foi objeto de reflexão de Aristóteles, para quem seu conceito estaria relacionado ao número do movimento segundo o antes e o depois. Kant, por outro lado, entendeu o tempo como uma condição subjetiva intimamente relacionada à natureza da mente humana, sendo, desse modo, destituído de realidade própria. Poderíamos acrescentar a esses pensamentos os de filósofos como Bergson – que vê na *duração interior* o verdadeiro sentido do tempo –, Husserl e Heidegger – que, de acordo com Nunes (1988), corrigem e ampliam a visão de Bergson ao proporem o tempo imanente, semelhante ao tempo físico, relaciona-se à experiência pessoal do homem –, as de Nietzsche, Hegel e de tantos outros, e mesmo assim não chegaríamos a uma definição que abrangesse, de forma absoluta, a noção de tempo.

A literatura, semelhante à física e à filosofia, e ainda a outros campos do saber, como a psicologia, a sociologia e a antropologia, por exemplo, não permaneceu indiferente ao fascínio ante os mistérios do tempo. O interesse da literatura, porém, não está em defini-lo ou, mais estritamente, em compreendê-lo, mas em experimentá-lo, problematizando-o em suas mais diversas acepções. Assim é que, tanto na expressão lírica, quanto na épica e na dramática, o tempo tem se inserido como elemento crucial, ora de modo mais evidente, ora menos, mas sempre intimamente relacionado à vivência humana, sem a qual parece impossível concebê-lo ou representá-lo.

E se permeia toda a produção literária desde a sua remota realização, é no século XX, de acordo com Mendilow (1972), que o tempo passa a integrar, de modo quase obsessivo, os escritos literários. Isso se daria em decorrência da tentativa de representação, pelas artes, do estilo de vida da época, marcado pela transitoriedade e

pela rapidez das mudanças econômicas e sociais, que “retiraram do homem aquele sentimento de estaticidade social, aquela certeza de permanência que parece ter marcado períodos de transformação mais confiantes e mais vagarosos” (MENDILOW, 1972, p. 6). Desse modo, o tempo da organização – até certo ponto pouco percebido – passou, nas obras literárias, a tempo do caos, da desintegração, da precariedade, da finitude, sendo trazido ao primeiro plano narrativo por autores como Marcel Proust, James Joyce e Virginia Woolf, por exemplo.

Dentre os nossos, o tempo figurou como elemento fundamental nas obras de escritores como Raduan Nassar e Clarice Lispector, dentre outros. Mas foi com Moacir Costa Lopes que esse elemento ganhou estatuto – por que não dizê-lo? – de protagonista do texto narrativo. Fascinado pelo tempo, Moacir apontou a si próprio, em seu *Guia prático de criação literária* (2001), como um dos autores que mais tem se preocupado, conscientemente ou não, com a importância desse elemento na obra de ficção. De fato, tal interesse já se revela no primeiro romance escrito por Moacir, *Maria de cada porto* (1959), onde ele mistura passado e presente, reais e oníricos, sonhos e alucinações, de modo a enlear o tempo, construindo um labirinto que engole personagens e leitor, desorientando-os. Nos dois romances seguintes, *Chão de mínimos amantes* (1961) e *Cais, saudade em pedra* (1963), o tempo também é manipulado com especial atenção, porém sem muita inovação em relação a *Maria de cada porto*.

Foi na segunda tríade de romances, composta por *A ostra e o vento* (1964), *Belona, latitude noite* (1968) e *Por aqui não passaram rebanhos* (1972), que a experiência com o tempo marcou a ficção produzida por Moacir. Com excepcional engenho, o escritor cearense manuseia o tempo nos dois planos fundamentais da escrita literária – o da forma e o do conteúdo –, abordando a simultaneidade de tempos em *A ostra e o vento* e em *Por aqui não passaram rebanhos* e a anulação temporal em *Belona, latitude noite* – técnicas que participam da construção do traço fantástico que permeia as três obras –, e tratando de questões como memória, velhice e finitude, todas intimamente ligadas ao tempo.

Neste artigo, abordaremos o tempo em *Belona, latitude noite*, evidenciando a relação desse elemento com o sentimento de melancolia que acerca a existência das personagens que integram a obra. A fim de que possamos proceder de forma detalhada

nossa análise, nos debruçaremos sobre os acontecimentos narrados no capítulo *Ferrugem*, onde, acreditamos, a relação tempo-melancolia se faz mais evidente. Esclarecemos, porém, que a opção por tal recorte não nos impede de recorrermos a outros trechos da narrativa em análise caso percebamos tal necessidade.

Literatura, tempo e melancolia

Durante séculos o estado melancólico foi compreendido como doença. De acordo com Lima (2017), Hipócrates, entre V e IV a.C., afirmou ser a melancolia fruto da permanência ao longo do tempo de um estado de medo e distímia. Além disso, o médico grego acreditava que “as hemorroidas beneficiam os melancólicos” e que “as afecções melancólicas produzem apoplexia, loucura e cegueira” (LIMA, 2017, p. 17), reforçando a ideia, meramente especulativa, já que desprovida de qualquer fundamento científico, de melancolia como resultado de uma disfunção fisiológica.

Também Stanley W. Jackson (*apud* LIMA, 2017, p. 18) se refere a essa visão deveras limitada acerca da melancolia, declarando que

referências dispersas sugerem que a melancolia era uma condição entre várias doenças chamadas melancólicas; que a bÍlis negra² era o fator que provocava tais doenças; que o outono era a estação particular em que as pessoas corriam o risco dos efeitos deste humor; que a bÍlis negra era de natureza viscosa e associada às propriedades de frieza e secura; e que tal sintoma, junto com seus distúrbios mentais, era por certo o resultado de o cérebro estar afetado.

Com o passar do tempo, a visão acerca da melancolia foi, aos poucos, se modificando. Scliar (2003), ao tratar do percurso histórico da melancolia no ocidente, declara que será na Idade Média, com o surgimento do termo acédia – ou acídia –, cujo sentido se referia a um abatimento do corpo e do espírito, que o estado melancólico passará a ser entendido como resultado do abandono de Deus. No Renascimento, a melancolia inquietará estudiosos, tanto médicos quanto outros pensadores, e será fonte de incessante pesquisa, escapando à estreita esfera teológica que a limitou por inúmeras décadas. Nesse período, salienta o autor, o conceito de melancolia estava mais relacionado ao campo filosófico do que ao campo médico – embora continuasse em

² Segundo Scliar (2003), na antiguidade Hipócrates propôs a teoria humoral para explicar o aparecimento do estado melancólico. Para o médico grego, a melancolia estava associada à bÍlis negra, um fluido natural do corpo que, em excessos, poderia provocar diferentes doenças, uma das quais a melancolia.

vigência a teoria humoral –, já que, para muitos pensadores da época, o estado melancólico, longe de uma doença, apresentava-se como um admirável estado mental.

É na modernidade que, de acordo com Villari (2002), a melancolia passa a configurar-se como uma forma de ser no mundo ou uma forma de conceber a existência, sendo esta carregada de ausências. No romantismo literário, afirma Viana (1994), a busca empreendida pelos escritores pela infância imaginária está intimamente relacionada à tentativa de preencher os vazios oriundos de um tempo e um espaço perdidos. Esse pensamento se relaciona ao pensamento apresentado por Freud em *Luto e melancolia*, já que, para o psicanalista austríaco, “No luto, [...] o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (FREUD *apud* LIMA, 2017, p. 52).

É, inclusive, no discurso literário – ou na ficção verbal e plástica – que Lima (2017) afirma encontrar a melancolia seu *locus* de excelência. Assim é que o autor elogia a tese doutoral de Jean Starobinski, crítico literário suíço, por “ser ela a única história contemporânea da melancolia que não parte de Hipócrates, senão de sua referência na *Ilíada*” (LIMA, 2017, p. 18). Para o autor brasileiro, a originalidade do estudo de Starobinski está em:

em vez de procurar um argumento médico-filosófico, ou seja, uma causalidade biológica para a aflição do personagem [Belerofonte, que se entrega à solidão depois de ter o filho Isandro assassinado por Ares], o ensaísta suíço analisa que, conquanto contígua ao delírio, à depressão, à loucura, a melancolia tem outra explicação (LIMA, 2017, p. 19-20).

– que seria o destaque da “melancolia com uma formação discursiva, ou seja, como fenômeno cuja raiz não se esgota no conceito, mas conduz a uma aproximação metafórica”. (LIMA, 2017, p. 20)

Nesse caminho, Lima (2017) trilha para a tese principal de seu livro, *Melancolia: literatura*: a melancolia “motiva uma reflexão no sentido pleno do termo – não é só sensível, mas também mental, não só sentida à flor da pele, mas meditada” (LIMA, 2017, p. 60), de modo a motivar meandros sonoros, plásticos e verbais, e, assim, ultrapassar o caráter de distúrbio e atingir um *status* que exceda o de atividade cerebral. Além disso, defende o autor, ao estado melancólico está associado um acréscimo de sensibilidade que favorece a produção artística. Por outro lado, esclarece, não se deve estabelecer relações diretas entre o estado melancólico e a produção de uma obra de arte,

já que se equivoca qualquer um que atribua a qualidade de um objeto estético ao estado sensível ou psicológico de sujeito que o produziu.

Scliar (2003), a respeito da importância da melancolia para a produção artística, a situa, no campo literário, não só como impulsionadora da atividade criativa, mas como tema principal em grande parte das obras produzidas no ocidente. Como exemplo, cita, dentre outros, Hamlet,

personagem melancólico, desiludido com o mundo; incapaz de vingar a morte do pai, como faria alguém “sadio”, ele é, ao mesmo tempo, dotado de uma superior imaginação. Para Hamlet, a melancolia é uma resposta ao mundo doente do qual ela própria se origina (SCLAR, 2003, p.89).

No que diz respeito à literatura brasileira, o autor gaúcho lembra *O Alienista*, de Machado de Assis, em que Dona Evarista, ao constatar a doença do marido, cai em profunda melancolia; *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, que já no título aponta para a desventura que será vivida pelo protagonista até o fim do romance, quando se declara a impossibilidade de felicidade de Policarpo; *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, que tem na morte seu momento mais importante; entre outros.

Mas, e o tempo, como se insere ele nas discussões acerca da melancolia?

Ora, Lima (2017, p. 15) afirma que “O tempo é a atmosfera que envolve a melancolia”, e justifica seu pensamento recorrendo ao que talvez seja o maior tratado literário sobre o tempo – *Em busca do tempo perdido*, de Proust –, citando a famosa cena da *madeleine* e nos lembrando da inevitabilidade de termos, ao longo de nossa existência, de lidar com o que se foi. Além disso, ressalta que mesmo no reencontro com esse perdido, processado por meio da lembrança, não o podemos mais viver tal qual outrora o vivemos, uma vez que, no próprio ato de rememorar, o tempo transcorrido e o sentimento de melancolia transformam a experiência que se quer novamente alcançar em outra, diversa da primeira.

Além disso, Viana (2004), em seus estudos sobre a melancolia na poesia de Álvares de Azevedo e Olavo Bilac, apresenta um traço relativo à melancolia que nos é muito caro: a angústia proveniente da consciência do homem frente à transitoriedade que acomete todas as coisas. Em outras palavras: tudo que existe está fadado ao fim. Nesse sentido, a relação tempo-melancolia evidencia, por meio da linguagem, a

efemeridade do mundo e da própria existência, levando o homem a se deparar com temas como permanência e finitude, que, junto com o da memória, abordado no parágrafo anterior, configuram o cerne temático de *Belona, latitude noite*, romance a cuja análise de um capítulo nos dedicamos a seguir.

***Ferrugem*: as inevitáveis e dolorosas mordidas do tempo**

Belona, latitude noite é o quinto romance de Moacir C. Lopes. Nele é narrada a agonia de um grupo de marinheiros e tripulantes, acometidos pela gripe espanhola, a bordo de um navio que, saído de Belém com destino a Salvador, perde o leme e segue sem rumo ao longo de uma noite sem fim. Considerado por Lopes como sua obra prima, *Belona* deu origem a um conto, publicado pelo autor em 1965, na coletânea *Os dez mandamentos*. Fody esclarece, a esse respeito, que

Quando o romance *Belona* ainda estava em fase de planejamento, Lopes foi solicitado a escrever uma estória sobre o tema do Mandamento “Não Furtar”, a ser incluída numa coletânea de contos escritos por dez autores [...] cada um deles usando como tema um dos Dez Mandamentos [...]. Ele fez desse conto, ao qual deu o título de “O Navio Morto”, um exercício preparatório para *Belona*, usando muitos dos mesmo personagens, temas e símbolos (FODY, 1978, p. 150).

Ao longo dos três anos que separam a publicação do conto da do romance (1968), Lopes desenvolveu não só sua trama, mas aprimorou a técnica narrativa do ponto de vista, já inovadora em seu romance anterior, *A ostra e o vento*. Em *Belona*, todos os capítulos são narrados em terceira pessoa, mas cada um deles sob um ângulo de visão: a estrela Sírius, o mar, a ferrugem que corrói o navio, duas gaivotas, espelhos, o sino do navio, peças de roupa, o sextante, ratos e outros. Nos interessa, para este estudo, o ângulo de visão *Ferrugem*, que evidencia a deterioração do navio pela oxidação de suas partes e a desintegração dos que, a bordo, estão contagiados pela peste, como se vê no fragmento abaixo, que inicia o capítulo:

Bocas infinitamente pequenas, famintas, vão se alimentando das coisas que eram vivas, e o ferro que era ferro na consistência de um mundo aparentemente sólido vai se desintegrando, pó feito lama respingando nas chapas do piso [...] desce pelo paiol da amarra e vai unir-se a outras bocas que há eras vêm devorando as partes vivas do *Belona II*, lentamente, silenciosamente, nos turnos dos dias e das noites, nos ciclos do sol e da chuva, e alimentadas por chuva e sol, dias, noites, mar, pés dos homens que não têm consciência ou memória e espalham o contágio da desintegração, todo o val e corpo e ventre do velho cargueiro, na sua integridade, é uma chaga, sem odor,

do teto, por onde caminham ratos, escorrega o pó, penetra no corpo dos homens e vai corroer-lhes também a carne que é o mesmo alimento, mesmo campo de células vivas que precisam se desintegrar e ser também pó [...] (LOPES, 1975, p. 52).

Chama a atenção, nesse trecho, o modo como o discurso poético de Lopes humaniza o *Belona II* ao equiparar o processo de corrosão do navio à doença que dizima a tripulação, já que “todo o val e corpo e ventre do velho cargueiro [...] é uma chaga” e o pó que contamina os que estão a bordo “vai corroer-lhes também a carne que é o mesmo alimento, mesmo campo de células vivas”. Dessa maneira, o texto evidencia a vulnerabilidade de toda matéria existente, quer ela viva quer não, diante das famintas bocas ferruginosas que denunciam a falibilidade do “mundo aparente sólido”, bocas essas que, junto de “outras bocas que há eras vêm devorando as partes vivas do *Belona II*, lentamente, silenciosamente, nos turnos dos dias e das noites, nos ciclos do sol e da chuva”, alegorizam a ação impiedosa do tempo.

Além disso, o mesmo tempo que corrompe a materialidade das coisas decompõe ainda o imaterial: a ferrugem que deteriora o navio e o homem destrói igualmente a memória. Essa desintegração, não menos angustiante do que a outra, está também representada no capítulo que aqui analisamos, presentificada nas incertezas e lacunas que caracterizam as lembranças de Lúcio, comandante do *Belona II*, como ilustra o seguinte trecho, relativo ao encontro casual entre o personagem e uma mulher que ele julga ter conhecido em outra época:

[...] a moça sorrindo, estendeu o braço, agitou o quepe, **conhece a moça?** aliás não é tão moça, há fios brancos em seus cabelos, **talvez a tenha amado nesta mesma rua**, anos passados, mas há no riso dela um reflexo de outra vida, então é jovem, cabelos negros caídos aos ombros, é chama, é começo, não é Capitão e sim marinheiro, chegando, ventre dela jovem conceberá impulsos, fúria, seus passos agora mais firmes nas pedras tortuosas do calçamento, cabeça erguida, peito inflamado, mãos nos bolsos, encontra o ofício amarrotado, foge do rosto da mulher o reflexo, voltam os fios brancos do cabelo, é uma velha vendedora do mercado, antiga meretriz [...] (LOPES, 1975, p. 59, grifo nosso).

Esse fragmento, além de exemplificar o modo impreciso como se processa a memória (segmentos destacados), aborda ainda outro tema que se relaciona ao tempo e à melancolia: a velhice. O encontro narrado acontece quando Lúcio lembra de sua ida até a Companhia que cuida da manutenção dos navios a fim de solicitar uma reforma para o *Belona II*. No ofício-resposta que ele segura ao encontrar a mulher que se revela

na antiga meretriz, a negativa: “O navio está em fim de carreira, Capitão” (LOPES, 1975, p. 59). Vagando pelas ruas, o comandante do velho cargueiro se depara com uma mulher de cabelos brancos e, por um ínfimo instante, vê “no riso dela um reflexo de outra vida”, marcada pela juventude e pelo prazer. Ao se aperceber novamente do ofício, porém, sua felicidade se esvai e a realidade mais uma vez o esmaga – os fios do cabelo da mulher voltam a ser brancos. Nesse instante, Lúcio inveja a falta de consciência de si mesmo que têm os objetos inanimados: “[...] olhou de longe o vulto esguio e cansado do *Belina II*, íntegro em si mesmo sem raciocinar sua velhice” (LOPES, 1975, p. 60-61).

Nesse sentido, é preciso ressaltar o fato de não ser apenas o vazio oriundo do esquecimento que provoca o estado melancólico. Lembrar e não poder reviver a lembrança gera um vazio igualmente doloroso. Lopes decreta a consciência desse fato quando afirma: “Garoto, toda memória é triste. Seja porque as boas não podemos reviver; seja porque as más não podemos esquecer” (LOPES, 2000, p. 91)³. No capítulo *Ferrugem*, a dor de lembrar está demonstrada no excerto a seguir, em que Rômulo rememora os momentos de amor que compartilhou com Marta, vitimada pela peste:

Rômulo se afasta do tubo acústico, enterra na carvoaria a pá e de etapa em etapa de carvão jogado à boca da caldeira seus olhos se vidram nas labaredas para reverem Marta, em seus gestos perdidos, no camarote, em muitas poses que eram sempre a última, enquanto a morte não chegava, de repente aquele corpo tenro e moreno como a árvore viçosa tombava ao medo, os lábios rosados eram exangues e trêmulos, as mãos que souberam acariciar arranhavam agora como se tombassem de um rochedo e tentassem agarrar-se às fendas, mas ser possuída era a sua sobrevivência (LOPES, 1975, p. 53).

A morte figura como outra temática que, diretamente ligada ao tempo, integra o rol dos motivos desencadeadores da melancolia que impregna as vivências dos personagens representados no texto de Lopes, e isso se dá em duas vias distintas: **i.** na dor que acomete os que perdem seus entes queridos, como vimos ocorrer com Rômulo; e **ii.** na angústia proveniente da consciência da própria morte⁴. Sobre esse último ponto, referindo-se ao Capitão Lúcio, o narrador afirma: “A ideia da morte lhe dá calafrios” (LOPES, 1975, p. 37). Em outro personagem, miçangueiro Isaias, a inevitabilidade da

³ Fragmento do livro *O olho clandestino do farol*, que não chegou a ser publicado por Moacir, mas que teve alguns trechos divulgados em *Moacir C. Lopes e sua obra: 40 anos de literatura*, publicado pelo Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro em homenagem aos 40 anos de produção literária do escritor.

⁴ As citações que ilustram o sentimento melancólico oriundo da certeza da morte foram colhidas de capítulos variados do romance em estudo, uma vez que, acreditamos, elas atendem de forma mais eficaz nossos interesses analíticos.

morte gera revolta contra aquele que, acredita-se, é responsável por ela: Deus. Abaixo trazemos transcrito um trecho que demonstra esse sentimento:

– Deus mentiu desde o começo, prometendo a redenção dos sofredores e agora contamina o vento e a poeira com a morte total. Quando entendi que era o fim subi ao Cruzeiro de Grapuassu e cuspi nas fazes de Cristo. Minha gente não viu cumprida a sua promessa, dizendo que morreria para nos salvar. Traiu o homem. Para quem erguemos agora nossas mãos? (LOPES, 1975, p. 33).

Se, por um lado, morrer é um dos agravantes para o estado melancólico, por outro, ser imune à morte também o é. Essa condição é explorada por Lopes através do personagem Leone, comissário do navio, que não sendo contaminado pela peste que se alastrou pela embarcação, é cotado por alguns personagens como aquele que conduzirá o velho cargueiro ao longo de uma noite sem fim, depois que todos os tripulantes estiverem mortos. Podemos, portanto, dizer que Leone, por um motivo não explicado ao longo da narrativa, é imune à ação degradante do tempo, fato que, longe de positivo, revela-se motivo de profunda angústia para o personagem, como mostra o narrador de *Belona* ao afirmar: “Que espera Leone afinal? Morrer a morte de Tereza ou transferir a ela esse poder de que está possuído, como andam dizendo, de não morrer nunca? Leone está sofrendo porque começa a desconfiar haver mesmo em si um poder especial [...]” (LOPES, 1975, p. 40). Assim, até mesmo escapando da boca monstruosa do tempo, o homem está condenado a um tipo de sofrimento, que se materializa na solidão.

Percebe-se, assim, que é da consciência da inevitabilidade da ação esmagadora do tempo que se desenvolvem os temas principais de *Belona*, *latitude noite*: solidão e velhice, memória e esquecimento, eternidade e finitude, todos intimamente relacionados à melancolia, entendida aqui como um mal-estar diante da realidade e oriunda de um sentimento de perda e de um inconformismo diante desse sentimento. Nesses termos, o tempo se mostra, nas mais diversas situações, algoz da existência humana e, mais do que isso, uma das maiores e mais frutíferas temáticas da modernidade literária, já que esta se preocupa, dentre outras coisas, em representar um mundo instável, repleto de incertezas, tão bem apreendidas e problematizadas por Lopes em seu quinto romance.

Considerações finais

Considerando o que até aqui foi exposto, parece apropriado aceitar o pensamento moderno que, tendo abandonado o entendimento de melancolia como mera doença, a percebe, segundo sugestão de Lima (2017), como discurso, situando-a como *locus* do discurso literário – ou, conforme afirma Scliar (2003), como metáfora.

Tendo isso em mente foi que, neste artigo, analisamos a importância do tempo na literatura de Moacir C. Lopes, autor que, prezando em todas as suas obras pela exploração do potencial significativa da linguagem literária, converteu em experiência metafórica a relação do homem com o tempo e o manejo desse elemento na própria estrutura de alguns de seus romances, como é o caso de *Belona, latitude noite*, transformando-o em potência geradora da melancolia. Nesse sentido, constatamos que, no capítulo *Ferrugem*, a força corrosiva do tempo, que corrói o navio e o próprio homem, quer em sua materialidade corpórea, quer na imaterialidade da memória, desencadeia nos personagens representados no romance de Lopes um sentimento de vazio existencial, que caracteriza o estado melancólico.

Assim, o tempo, esse gigante anônimo, objeto de tanta especulação para muitos campos do conhecimento, se insurge na literatura como palco de possibilidades semânticas e estéticas. Se, como dissemos, Einstein nos possibilitou conhecer de modo mais clara a maneira como nos relacionamos fisicamente com o tempo e a filosofia, nas suas mais diversas correntes, explorou as possibilidades de abstração que o acercam, foi a literatura que, despreziosa quanto a entender o tempo, absorveu o discurso das outras duas e, por meio de obras como essa de Lopes a cuja análise nos dedicamos, nos mostrou a força criativa e a carga poética que o tempo evoca.

Referências bibliográficas

LIMA, Luiz Costa. *Melancolia: Literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

LOPES, Moacir Costa. *Belona, latitude noite*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1975.

_____. *Guia prático de criação literária*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

_____. Fragmentos de seus romances. In: CASA DE CULTURA LIMA BARRETO / SINDICATO DOS ESCRITORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Moacir C. Lopes e sua obra: 40 anos de literatura*. Rio de Janeiro: 2000, p. 67-93.

MENDILOW, A. A. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: Globo, 1972.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos: a melancolia europeia chega ao Brasil*. São paulo: Companhia das Letras, 2003.

VIANA, Chico. *O evangelho da podridão: culpa e melancolia em Augusto dos Anjos*. João Pessoa: Ed. Universitária UFPB, 1994.

_____. Melancolia: sentido e forma. In: _____ (org.). *O rosto escuro de narciso*. João Pessoa: Ideia, 2004, p. 11-52.

VILLARI, Rafael Andrés. *Literatura e psicanálise: Ernesto Sábato e a melancolia*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.